

**ENTRE ELAS E EU! ATUO, (R)EXISTO, ME RECONHEÇO: UM DIÁLOGO ENTRE  
ARTIVISMO, INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMO NEGRO NAS VIVÊNCIAS DE  
UMA MULHER NEGRA**

LAÍS LANA SANTOS PEIXOTO SOUZA<sup>1</sup>

ANA CLÁUDIA LEMOS PACHECO<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho tem como propósito desenvolver um diálogo e conexões entre artivismo, feminismo negro e interseccionalidade com base nas reflexões sobre as potencialidades do artivismo na minha vida enquanto mulher negra, lésbica, artista e feminista negra. Este texto foi construído por meio das vivências e experiências artísticas e artistas tanto individuais quanto coletivas compartilhadas com outras mulheres negras, em sua maioria licenciandas e artistas.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade, Feminismo Negro, Mulheres Negras, Artivismo.

**NO ABRIR DAS CORTINAS...**

Este trabalho parte de inquietações surgidas ao longo do meu processo de pertencimento enquanto mulher negra e o desejo de falar sobre o feminismo negro, que é muito importante nesse trajeto de nos reconhecemos pertencentes a essa identidade. Dessa forma, penso neste

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC – UESB, licenciada em Teatro pela UESB e Especialista em Pedagogia das Artes pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Professora Titular de Sociologia da Universidade do Estado da Bahia, UNEB; Campus-I. É professora permanente do Mestrado Stricto sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade do Sudoeste da Bahia e líder do Grupo de pesquisa CANDACES-gênero-raça, cultura & sociedade, certificado pelo CNPq, desde 2013. E-mail: [aclemos@uneb.br](mailto:aclemos@uneb.br)



estudo como um instrumento provocador de reconhecimento, de lutas, de descobertas e pertencimento. Eu sou uma mulher preta, lésbica, artista, professora de artes, pesquisadora do feminismo negro, licenciada em teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pós-graduada em Pedagogia das Artes: linguagens artísticas e ação cultural pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), e agora mestranda no programa de Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC – UESB.

Mas, antes de ser esta, eu sou filha de mãe preta, neta de avó preta e sobrinha, prima, tia, amiga de outras mulheres negras. Nascida e criada no seio de uma família majoritariamente negra e de mulheres fortes, de vivências e vozes ativas, mas, que foram atravessadas por uma criação opressora, machista, sexista, genderificada. Então, nasce uma criança pretinha, de cabelos crespo e cheio. A menina arteira desde a infância, questionadora e com uma resposta pra tudo, como dizia a minha bisavó.

Durante a infância, já me sentia artista e identificada como aquela que questionava as coisas ao meu redor, como por exemplo: Cadê as mulheres negras na TV? Por que eu tenho que alisar meu cabelo? Por que meu irmão não ajuda nas tarefas de casa? Por que não tem uma paqueta que se pareça comigo? E as perguntas não paravam de surgir, mas durante a adolescência, essas questões foram diminuindo e deixadas de lado. Confesso que o meu processo de descoberta enquanto mulher negra só aconteceu quando adentrei a universidade, por que até começar a pensar nessas questões, eu me convencida e acreditava que era morena. Assim, me encontrar e aceitar a minha identidade, apenas com a chegada nesse espaço acadêmico, foi muito tardio, mas, que mudara a minha vida completamente e os meus objetivos enquanto ser humano, mulher negra e pesquisadora.

Agora, me vendo e me entendendo como uma mulher autodeclarada negra, tenho o contato com o feminismo. Então, começo a estudar um pouco sobre. Por meio das leituras e do contato com mulheres negras e de minhas próprias vivências, fui começando a perceber que faltava algo a mais que



dialogasse diretamente comigo, que eu pudesse levar para as minhas práticas artísticas.

Pude então, conhecer a pauta do feminismo negro, na universidade onde cursava licenciatura em teatro. Foi a partir desse espaço que tive a oportunidade de conviver com mulheres que discutiam e lutavam pelos direitos da mulher negra, promovendo debates dentro e fora do campus, criando e apresentado cenas e espetáculos sobre mulheres negras, aceitando, afirmando e possibilitando que outras mulheres se entendessem e se vissem pertencentes à identidade negra.

O contato tardio com essas mulheres e com o pensamento do feminismo negro me fez repensar o quanto meu crescimento foi direcionado pelos padrões da colonização. Cresci sem saber da importância de tantas mulheres que lutaram por suas vidas - e pelas nossas - pelo direito de viver, por igualdade de gênero, raça e sexualidade que resistiram a tantas agressões físicas e psicológicas para que hoje pudéssemos ter voz, e pela nossa existência. A luta da mulher negra é todo dia. “A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (Ribeiro, 2019, p. 42).

Ressalto também que as experimentações artísticas foram de grande importância, pois em algumas práticas precisávamos nos conectar com o nosso íntimo, com quem nós realmente somos. Dessa forma, as reflexões sobre me reconhecer e me aceitar foram se tornando cada vez mais presentes e me fortaleceram na caminhada de aceitação e pertencimento identitário. Mesmo com esse encontro tardio, percebo a importância de possibilitar com que outras mulheres tenham o contato com o feminismo negro para se reconhecerem enquanto negras, e assim ficarem imersas às questões que permeiam esse universo da identidade negra.

Atravessada pelo feminismo negro, dou início a pesquisas pensadas de mulheres negras para/com mulheres negras em sua maioria licenciandas, pois assim como eu passei por esse processo, mesmo que tardio, se faz

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



importante esse entendimento de aceitação à sua identidade negra, tanto por meio de criações individuais como coletivas, sendo elas artísticas e teóricas. E é aqui que vejo o ativismo tomando forma em minhas vivências. Por si só, a arte é política. Transformar dor, superação e emancipação em cena é investigar crítica e analiticamente, compreendendo as ambiguidades das participantes e seus processos de autodefinição.

Entendendo e praticando um ativismo que objetiva a transformação social, utilizando a arte como o principal instrumento ativista. A arte é viva, ao mesmo tempo que se movimenta e é sentida. Conecta experiências a realidades e necessidades. Assim, penso o ativismo como um meio para mudança social, que questiona e contesta injustiças sociais, que reivindica espaços e respeito por intermédio da arte, que atua para dar voz a espectadoras que estiveram silenciadas por muito tempo, focando principalmente nas realidades e vivências de mulheres negras.

Desenvolver pesquisa tendo como participantes mulheres negras é entender que não estamos/estaremos falando de uma unicidade e nem de universalidade. São mulheres com suas especificidades, particularidades e negritudes. Se entendemos que mulheres por si só já é multiplicidade, entenderemos também que as negritudes não se afastam desta compreensão. Negritudes atravessadas pela falsa ideia de aceitação – quando se tem a pele mais clara - e pela realidade do preterimento - quando a sua pele é retinta. Mulheres são essencialmente diferentes com saberes, vivências, crenças e sexualidades individuais, que se aproximam em determinados marcadores sociais, mas que não as transformam em uma categoria universal “mulher negra”. Como exemplos dessa afirmação enfatizo, Audre Lorde, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins, Frida Kahlo.

Desde o seu nascimento, a mulher negra já tem um lugar destinado a ela. Lugar demarcado historicamente pela matriz de dominação, a qual oprime por meio de diversos marcadores de diferenças como gênero, raça e classe. Até porque “nascer negro no Brasil é um misto de provação com um



convite à resistência" (Costa, 2023, p. 2). As mulheres negras lutam para existir, para permanecerem vivas e serem vistas como seres humanos dignas de oportunidades, visibilidade, capazes de amar e serem amadas, possuidoras de intelectualidade e capazes de proporcionar as mais diversas formas de saberes.

O interesse em pesquisar e desenvolver trabalhos com mulheres negras e licenciandas parte tanto de um lugar que foi vivenciado por mim, quanto do entendimento de que o conhecimento precisa ser socializado, seja ele acadêmico, social, de vida e até mesmo de como existir e resistir todos os dias. O conhecimento pode unir e somar no comprometimento com a justiça. Ao falar sobre a política do pensamento feminista negro, Collins (2019) contribui para a percepção de que essa política não é individual e possui uma identidade que é permeada pelo anseio com a justiça tanto para as afro-americanas coletivamente como também para outros grupos de mulheres negras oprimidas. "A identidade do pensamento feminista negro como teoria social "crítica" reside em seu compromisso com a justiça, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para outros grupos oprimidos" (Collins, 2019, p. 43).

A mulher negra ancestral era constantemente escravizada, não tinha espaço para ser frágil, nem para se ver enquanto mulher possuidora de uma feminilidade. O machismo e a eugenia exigiam mais delas e lhes arrancaram esse olhar íntimo de si mesmas. As mulheres negras eram tratadas como animais, sem feminilidade, sem fragilidades e estupradas. Até hoje, nós mulheres negras, sofremos os efeitos dessas opressões. O feminismo tem uma trajetória de luta que resulta em conquistas por meio da resistência, da perseverança, dedicação e até mesmo a vida de algumas mulheres. Sobre a fragilidade da mulher negra, Carneiro (2001) afirma:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres,[...]que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um



contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostituta. [...]de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2001, p. 01).

Esse processo de apagamento e objetificação (objeto) da mulher negra reúne elementos do preconceito de classe, do racismo e do machismo, colocando assim, as mulheres negras em um lugar que ninguém quer estar; de inferiorizada; de dominada; de explorada no trabalho e sexualmente; de silenciadas. Dessa forma, o patriarcado branco atua para negar e deslegitimar que as mulheres negras tenham oportunidades de ter melhores condições de vida, construindo a narrativa hegemônica de que as mulheres negras vivem para servir, apenas.

Por isso havia e ainda há uma desvalorização de intelectuais negras, pois o conhecimento passado por outras mulheres negras geraria mais força e mais luta pela igualdade racial, sexual e de gênero. Conforme a percepção crítica de Kilomba (2019, p. 68): “É aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como “raça”, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas”. O feminismo negro brasileiro possibilitou que as mulheres negras observassem que ainda permaneciam invisibilizadas e suas pautas continuavam sendo tratadas como um subitem. “A organização e a mobilização do Movimento das Mulheres Negras surge da necessidade de se construir uma agenda específica de reivindicações” (Almeida, 2016, p. 39).

As mulheres negras ainda são um grupo oprimido, permanecem na base da pirâmide social. Mas, essas mesmas mulheres lutam diariamente por uma mudança, por voz, por visibilidade. Entendo que, aqui, o trabalho coletivo auxilia nesse ativismo. Um ativismo feminista negro, que luta contra a subordinação dessas mulheres negras no centro dessas opressões interseccionais. É importante possibilitar que mulheres negras percebam diferentes situações de opressão que – podem – permeiam a sua vida dentro





das relações e em espaços distintos.

Abordando sobre interseccionalidade, Collins (2020) nos faz perceber como as necessidades vivenciadas pelas mulheres negras, mesmo elas estando inseridas nos diferentes movimentos sociais, ainda eram pertinentes e não alcançadas, de maneira geral, nesses espaços, o que a impulsionou para o uso da interseccionalidade como um meio para resistir às imposições e opressões direcionadas a elas:

As questões específicas que afligem as mulheres negras permanecem relegadas dentro dos movimentos, porque nenhum movimento social iria ou poderia abordar sozinho todos os tipos de discriminação que elas sofriam. As mulheres negras usaram a interseccionalidade como ferramenta analítica em resposta a esses desafios (Collins, 2020, p. 19).

A mulher negra está inserida numa sociedade que, como nos aponta Luiza Bairros (2011, p. 458), “é racista, sexista, marcada por profundas desigualdades sociais”, possibilitando que a vida desta mulher seja atravessada por diversas naturezas de poder interligadas. Essas intersecções são percebidas de diversas formas no cotidiano de mulheres negras, seja em casa, no trabalho, na universidade ou na rua. Todo lugar é propício para que os opressores se sintam no direito de oprimir.

Conforme nos diz Akotirene (2019, p. 63): “[...] o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para as mulheres negras”. Mas, é importante enfatizar que as mulheres negras não estão sucumbindo a este destino que lhe foi imposto e, articulando-se com outras, procuram cada vez mais romper com esse elo de opressões. Como afirma Collins (2020, p. 22) “o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica mostra como essas e outras categorias de relações de poder se interconectam”.

Diante de diversos marcadores sociais que permeiam a vida de mulheres negras, vemos esse leque se ampliar ainda mais, quando estas não se reconhecem como heterossexuais. Sendo uma mulher lésbica, me encaixo



nessa ampliação de opressões. Pois, existe uma norma heterossexual que reconhece nossos corpos como dissonantes e passíveis de mais opressão.

A chaga do racismo imposta a pessoas racializadas, aqui no contexto dessa reflexão, pessoas negras, pode variar ainda de acordo quando acrescida de outros recortes como gênero, orientação sexual e identidade de gênero dissonantes da norma heterossexual, marcadores sociais da diferença que inserem novas camadas de opressão (Costa, 2023, p. 04).

A mulher negra que não performa feminilidade ou não é heterossexual está vulnerável a uma gama de marcadores combinados e essas intersecções ocasionam opressões cada vez mais presentes em seu cotidiano. “Combinados, marcadores como raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero dissonantes da norma heterossexual trazem rebatimentos concretos em seu cotidiano” (Costa, 2023, p. 04). Pessoas negras não são lidas como humanas. Mulheres negras não têm direito de sentirem desejos e aflorá-los, “[...]consequência do processo de desumanização vivenciado pela população negra se não são humanas, não têm sentimentos e, portanto, são automaticamente descartáveis”. (Costa, 2023, p. 07). Até o desejo é hierarquizado. A mulher negra é hipersexualizada e descartável.

O movimento feminista negro impacta positivamente na aceitação enquanto mulher negra e de sua ancestralidade, na afirmação da identidade e no fortalecimento da luta. Falar sobre questões étnico-raciais e de gênero é falar sobre ancestralidade. Porque foram as diferentes narrativas de vidas e experiências que possibilitaram que hoje tenhamos espaço na teoria do conhecimento. Precisamos fortalecer cada vez mais as nossas potências, as vozes negras que já estão e as que virão, evitando assim o epistemicídio tal como enfatizado por Lélia Gonzalez.

Ser uma mulher das artes e artista me faz perceber a força que a arte possui, tanto a partir de minhas experiências e práticas artísticas como enquanto uma mulher negra, feminista e espectadora. A arte é um espaço e ação política. Conforme Zapata (2008)



# “ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



*Se a arte ativista tem sido considerada pelo valor de uso que gera para uma comunidade, sua incidência política é uma ação concreta que pode operar de várias maneiras; seja pela sinalização, visibilidade, participação, religação e articulação de imaginários simbólicos que potencializam novas alternativas relacionais (ZAPATA, 2008, p. 26, tradução minha).*

Para além de tudo que aqui já foi exposto, ressalto também que o interesse em desenvolver trabalhos com mulheres negras licenciandas e artistas, pensar em criar cenas teatrais com essas mulheres é por compreender o poder político-social que a arte apresenta.

## FECHANDO AS CORTINAS...

Neste momento, não concluo o meu diálogo sobre ser uma mulher negra, artista, lésbica entre outras coisas ditas anteriormente, e as conexões existentes com o feminismo negro e a interseccionalidade em minhas vivências, mas, penso que ainda estou no primeiro ato de um grande texto dramático baseado nas grandes salas de ensaio que já passei e troquei experiências criativas, artísticas e de vida com outras mulheres negras.

Dessa forma, enfatizo o ativismo como sendo importante nas minhas vivências, na minha identidade e, principalmente, em minhas pesquisas para o alcance de transformações possíveis na resistência de mulheres negras às opressões interseccionais em suas vivências. Um ativismo que surge de um aquilombamento artístico de mulheres negras. “Aquilombamento assim, é movimento, é a criação de possibilidades outras de existir e se relacionar” (Martins, 2023, p. 44). Esse mesmo aquilombar pensado como um espaço para “criar e transformar, além de contar e recontar” (Martins, 2023, p. 44).

É nessa junção entre transformar, criar e ir além que a arte, o ativismo e as mulheres negras serão acolhidas, ouvidas e assistidas nessa conectividade artista pensada neste estudo. Observando os corpos-quilombos que se transformaram e se resignificaram para resistirem e desenvolverem estratégias para não sucumbirem às opressões sofridas. Os “[...] corpos-



aquilombamentos[...] faz-se presente e navega em águas que possibilitam criar e recriar modos de habitar, ser, estar negras/os no mundo" (Martins, 2023, p. 44). Corpos que estão a(r)tivos para criar e recriar, fazendo e refazendo-se no presente, sendo, estando, transformando e refazendo a si próprios.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Feminismos Plurais.

ALMEIDA, Célia Sales de. **FEMINISMO NEGRO**: a luta por reconhecimento da mulher negra no Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais da Faculdade de Direito de Vitória. 2016.

BAIROS, Luiza. **Nossos Feminismos Revisitados. Estudos Feministas**. GELEDÉS Ano 3. 2º semestre. Nº 95, p. 458- 453 – 2011

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B2\\_ZKqR9WEKMzdjODMxMWItZmNmZi00Njk3LTlKYzktZTY2NTU3ZWZjMzE3/view](https://drive.google.com/file/d/0B2_ZKqR9WEKMzdjODMxMWItZmNmZi00Njk3LTlKYzktZTY2NTU3ZWZjMzE3/view) Acesso em: 18 mar. 2020.

COLLINS Patricia Hill, BILGE Sirma. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] /; tradução Rane Souza. São Paulo : Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MARTINS, Soraya. **Dramaturgias contemporâneas negras**: um estudo sobre as várias possibilidades de pensar-ser-estar em cena. Belo Horizonte, 2021.

MARTINS, Soraya. **Teatralidades – aquilombamento** várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo. Belo Horizonte: Editora Javali, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ZAPATA, Miguel Rubio. **el cuerpo ausente** (performance política). Impresión: DIDI DE ARTETA S.A.. 2 ed. LIMA: Diciembre 2008.